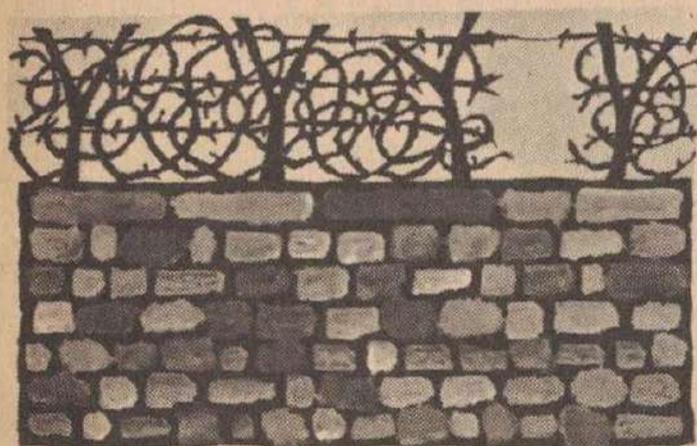


O Muro de Berlim—



Quatro Anos de Insucesso

HÁ QUATRO ANOS aflitivos que o povo de Berlim convive com o Muro. Os berlinenses aprenderam a conviver com êle, mas não aprenderam—nem os do Oeste, nem os do Leste—a aceitá-lo.

Indignam-se com o Muro e odeiam-no. Consideram-no um símbolo inútil e uma prova da brutalidade e do mêdo dos comunistas.

Há dois anos, pelo Natal, o Muro foi temporariamente aberto pela primeira vez para permitir que as famílias se visitassem. Isso já se repetiu quatro vêzes, e houve perto de qua-

tro milhões de visitas a parentes. “Êsses encontros”, explicou um berlinense, “provaram o que não tem necessidade de provas: o povo desta cidade, apesar da violenta divisão da sua terra, não se diferencou em berlinenses do Leste e berlinenses do Oeste. Continuam todos a ser simplesmente berlinenses. O ódio instigado pela Zona Oriental não os separou.”

É agora evidente para todos que o govêrno da Zona Oriental construiu o Muro, com a aprovação soviética, para impedir que as pessoas

que êle domina fugissem do jugo comunista. Cêrca de 17 milhões de habitantes vivem agora encarcerados por trás dessa lúgubre barricada. Nem no Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha Oriental há quem acredite que tenha sido levantado "como uma proteção contra as provocações do Ocidente".

De 1948 a 13 de agosto de 1961, quando foi erguido o Muro, cêrca de 2 700 000 pessoas fugiram para a liberdade. Não podiam votar para escolher um govêrno e votaram então com as pernas: fugiram.

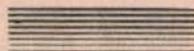
Que aconteceu desde então? De acôrdo com as leis da Zona Soviética, "evadir-se da República" é um crime. O regime torna-o passível de pena de longa prisão ou de morte—quase sempre de morte.

E os seus chefes têm procurado por muitos meios tornar o Muro impenetrável. Desde que êle foi levantado, acrescentaram-lhe 225 abrigos

e ninhos de metralhadoras, 202 tóres de observação, 63 holofotes e 221 gaiolas, cada qual até com quatro cães-polícias.

Mas tão grande é o impulso para a liberdade que a fuga continua apesar dos tremendos riscos. Nos últimos quatro anos, cêrca de 25 000 alemães do Leste, inclusive 441 homens uniformizados, atreveram-se a arriscar a vida para fugir. E têm fugido por cima do Muro, por baixo do Muro e através de campos minados. Têm fugido por um rio da fronteira, na escuridão da noite e à luz do dia sob o fogo dos fuzis dos guardas da fronteira, de janelas muito altas por meio de cordas, a pé, em motonetas, tratores, caminhões e trens.

E agora os comunistas estão "embelezando" a fronteira entre as zonas! Estão limpando a terra e plantando jardins—para melhor verem e atirarem nas pessoas que procuram a liberdade.



Promovido

DURANTE meus anos de inspetor de escolas muitas vêzes tenho sido apresentado aos meninos e meninas de escola primária como o homem "responsável pela escola inteira" ou "que providencia tôdas as coisas de que necessitamos para trabalhar aqui na escola". A reação habitual das crianças tem sido de desinterêsse ou tédio.

Então um dia uma professôra me apresentou a uma turma dizendo: "Êste é o homem que decide quando vão tocar a serêia avisando que não haverá aula por causa de uma tempestade." Essa observação fêz os meninos e meninas olharem para mim como um homem com autoridade quase olímpica. Agora, quando vou pelo corredor dessa escola os alunos murmuram entre si reverentes, maravilhados com o fato de que uma pessoa possa ter tamanha autoridade.

—L. B. B.